

# PANORAMA HISTÓRICO DA FORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NAS AMÉRICAS

Maria Teresa Navarro de Britto Matos

## RESUMO

Apresentação de um panorama descritivo das tradições de formação arquivística nas Américas, destacando pontos significativos da formação arquivística no Brasil, com base na literatura e em pesquisas empíricas.

A formação arquivística, no contexto das Américas obteve uma considerável evolução durante os últimos decênios.

O desenvolvimento de múltiplas tradições de formação arquivística reflete as variáveis socioculturais, econômicas e políticas particulares a cada nação. Dentro dessa ótica, Duchein (1993, p.3) afirma que:

[...] a gestão dos arquivos permanece intrinsecamente ligada às estruturas jurídicas e administrativas de um país, ao desenvolvimento das tecnologias e sua rápida evolução, às tradições intelectuais e também – vamos mais além – às mentalidades próprias de cada sociedade, em um determinado momento.

Nessa mesma perspectiva, segundo Michael Cook, as “tradições” ou modelos de formação arquivística, no âmbito internacional, podem ser classificadas em cinco (05) categorias: a tradição européia, a tradição ítalo-hispânica, a tradição britânica, a tradição norte-americana e aquelas dos países em desenvolvimento, em que apesar de uma certa homogeneidade, características específicas estão bem presentes (FONSECA; MONTEIRO, 1987, p.64).

Mesmo que o objetivo do nosso trabalho esteja centrado no universo americano, nós não poderíamos abordá-lo sem nos referirmos à evolução da Arquivologia e a formação arquivística no continente europeu, que influenciaram enormemente as Américas.

Antes do século XIX, a Arquivologia era uma ciência empírica, a serviço da organização dos arquivos para fins administrativos (DUCHEIN, 1993, p.19). Com o incremento e a intensificação da pesquisa histórica no século XIX, a Arquivologia passou a ser uma ciência auxiliar da história. A origem de uma formação arquivística sistemática situa-se nesse período (na primeira metade do século XIX), nas escolas européias (GAGNON-ARGUIN, 1992, p.207). Em seguida, influenciada pelas grandes mudanças socioeconômicas do começo do século XX, a Arquivologia se tornará também uma ciência auxiliar da administração. E, finalmente, a Arquivologia com o movimento da sociedade da informação, fundada sobre a criação e o domínio do saber, caracterizada pela rapidez, pela inovação e pelo efêmero, desencadeará a tomada de consciência de sua missão e de sua própria definição. Essas mutações vão favorecer a emergência da Arquivologia enquanto disciplina. Segundo Menne-Haritz (1992, p.9), a passagem da Arquivologia de “ciência descritiva” para “ciência multifuncional” conduzirá sua transformação como disciplina ligada às Ciências da Informação (BRITTO apud JARDIM; FONSECA, 1999, p.10).

A **tradição da formação arquivística européia** foi estruturada, de acordo com a sua gênese, na História e suas ciências auxiliares. A primeira escola criada data de 1811, a *Scuola di archivistica* (Itália / Nápoles). Dez anos depois (em 1821), duas escolas são fundadas para difundir essa corrente de pensamento. Elas são, respectivamente, a *École des chartes* (França / Paris) e a *Bayerische Archivschule* (Alemanha / Munique). No século XIX, assiste-se, ainda, a criação de outras escolas, como por exemplo: em 1854 o *Institut für Österreichische Geschichtsforschung* (Áustria / Viena) e em 1856 a *Escuela de diplomática* (Espanha / Madri) (DELSALLE, 2000, p.225-26).

Outro ponto representativo se refere ao papel pioneiro do Estado italiano na pedagogia arquivística. Diversas “*scuola di archivistica*” emergiram a partir da segunda metade do século XIX: em Veneza (1854), em Palermo (1855), em Florença (1856), em Genova (1873), em Parma (1876), em Roma (1878) e em Roma Pontifícia - o futuro Estado do Vaticano - (1884) (DELSALLE, 200, p. 226). Na mesma linha, final do século XIX, segundo Menne-Haritz (1996),

registra-se a origem da *Marburg Archivschule*, que dá início à profissionalização dos arquivos na Alemanha.

Mais de trinta anos depois, surgem novos cursos, dois em 1919, em Praga (atual República Tcheca) e em Haya (Holanda). E, em 1931, na URSS (DELSALLE, 200, p.227).

É possível observar que até a segunda guerra mundial (1939), o fenômeno da formação arquivística concentra-se no continente europeu.

O progresso tecnológico e econômico dos Estados Unidos e seu grande interesse pelos aspectos relativos à eficácia e à eficiência na administração, inclusive na administração pública, vão favorecer o delineamento da **tradição da formação arquivística norte-americana**. Após a Segunda Guerra Mundial, constata-se que o campo arquivístico é redefinido, a partir da intervenção nas etapas do ciclo documental: a produção, a utilização, a conservação e a destinação de documentos. Estas transformações tiveram impacto bastante relevante seja na Arquivologia, no perfil das instituições arquivísticas e nos profissionais da área no sentido de liderar a execução de políticas públicas relacionadas à gestão de documentos.

O impacto dessas mutações pode ser avaliado, através da cisão, típica da arquivística norte-americana e de alguns países anglo-saxônicos. Dentro dessa ótica, duas (02) tendências de formação arquivística emergiram. A primeira reunindo os arquivistas, profissionais encarregados dos arquivos permanentes, na qual os conhecimentos são dirigidos, grandemente, para a História e suas ciências auxiliares. Na segunda, situam-se os *records managers*, profissionais encarregados da gestão de documentos. A formação desses profissionais enfatiza as questões concernentes ao controle da produção de documentos. Tal cisão vai muito além do que poderia qualificar como problemas corporativos e profissionais. De fato, observa-se a separação entre a Arquivologia e a Gestão de Documentos (FONSECA, 2005, p.47).

Na tentativa de superar essa cisão, os canadense, e mais especificamente no Canadá francês, no Québec, formula-se o conceito de uma “arquivística integrada” que segundo Rousseau e Couture (1994): “[...] tem com

o objetivo ocupar-se simultaneamente do valor primário e do valor secundário do documento”. A formação arquivística ministrada pela *École de Bibliothéconomie et des Sciences de l'Information* (EBSI), da *Université de Montréal* baseia-se nessa abordagem.

A **tradição da formação arquivística latino-americana** remonta ao século XVI, no momento histórico da colonização espanhola e portuguesa (TANODI, 1985, p.3).

O investimento na formação arquivística latino-americana sistemática inicia-se em 1945 com a instalação da *Escuela Nacional de Bibliotecários y Archivistas* (ENBA), no México, ligada à Secretaria de Educação Pública, da Direção Geral do Ensino Superior e da Pesquisa Científica.

Durante o ano acadêmico de 1956-1957 a *Escuela de Biblioteconomia*, ligada à *Facultad de Humanidades y Educación*, da *Universidad Central de Venezuela* ampliou os estudos biblioteconômicos somando a essa formação, também, aquela de Arquivologia, passando a denominar-se *Escuela de Biblioteconomia y Archivos*. É importante registrar que esse programa oferecia um tronco comum de conhecimentos, que se subdividia em duas especializações: uma em Arquivologia e a outra em Biblioteconomia (TANODI, 1979, p.118).

Em 1952, o ensino universitário de Arquivologia passa a ser ministrado pela *Universidad Nacional Autónoma de Mexico*, vinculado a *Facultad de Filosofía y Letras*, outorgando um diploma de bibliotecário e outro de arquivista-paleográfico (TANODI, 1975, p. 39).

Em 1959, a Arquivologia foi introduzida na *Universidad Nacional de Cordoba* (Argentina). Inicialmente, o curso foi oferecido pela *Escuela de Bibliotecarios y Archiveros*. Dois anos mais tarde, a Arquivologia foi considerada independente, passando a existir a *Escuela de Archiveros de Cordoba* (TANODI, 1975, p. 72).

Em 1966, a *Escuela Salvadoreña de Archivismo* foi fundada pela *Asociación General de Archivistas de San Salvador* (El Salvador) (TANODI, 1989, p. 16).

Em 1971, a *Escuela de Bibliotecarios y Archivistas*, da *Universidad Social Católica de La Salle* (Colômbia), concedia um diploma comum em Arquivologia e Biblioteconomia (TANODI, 1975, p.52). Em 1974, o primeiro programa de ensino universitário brasileiro foi instaurado na Universidade do Rio de Janeiro (TANODI, 1979, p. 118-119). Nesse mesmo ano, foi implantada uma concentração em Arquivologia na *Escuela de Historia y Geografía*, da *Universidad de Costa Rica* (TANODI, 1975, p. 78).

Ao longo dos anos 80 e 90, a formação arquivística latino-americana manteve um contínuo crescimento, através da criação de escolas e programas, vinculados a escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Paralelamente, muitos esforços foram empreendidos através de Programas de Aperfeiçoamento ou de estágios técnicos. Sublinhamos aqui o programa anual oferecido de 1974 a 1985, com o apoio da Organização dos Estados Americanos (OEA), através do *Centro Interamericano de Desarrollo de Archivos* (CIDA), que funcionava na *Escuela de Archiveros de Córdoba*. O objetivo desse programa era promover, na região latino-americana, a qualificação de pessoal na área de Arquivologia. Trezentos bolsistas da OEA participaram desse programa. Os diplomados tornaram-se, em sua maioria, professores, que se consagraram na criação de cursos universitários de Arquivologia (TANODI, 1979, p. 123-24).

**A formação arquivística no Brasil** passou por uma considerável evolução desde 1972, quando o então Conselho Federal de Educação (CFE) concedeu às universidades brasileiras, por meio do Decreto nº 212, de 7 de março, o poder de organizar programas de graduação em Arquivologia.

A concepção de currículo mínimo proposto pelo CFE, e aprovado em 1974, fundamentava-se em dois princípios: 1) Aproveitamento da estrutura universitária e de seu corpo docente, originário de áreas afins à Arquivologia; e

2) Prioridade na formação de profissionais para trabalhar em arquivos permanentes.

A formação em arquivística recebeu mandato universitário no Brasil há 36 anos, quando o Curso Permanente de Arquivos ministrado pelo Arquivo Nacional, desde 1960, incorporado a FEFIERJ, atual UNI-RIO, em 1973.

Mister destacar que a Associação de Arquivistas Brasileiros (AAB), criada em 20 de outubro de 1971 (BOTTINO, 1994, p. 12), teve um papel decisivo no processo de criação e regulamentação do ensino universitário de Arquivologia.

Atualmente, existem onze (11) cursos de graduação no país, nas seguintes universidades: Universidade do Rio de Janeiro (1973), Universidade Federal de Santa Maria (1977), Universidade Federal Fluminense (1979), Universidade de Brasília (1991), Universidade Federal da Bahia (1998), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999), Universidade Estadual de Londrina (1997), Universidade Federal do Espírito Santo (1999), Universidade Estadual Paulista (2003), Universidade Estadual da Paraíba (2007), e Universidade Federal de Minas Gerais, a mais recente com a primeira turma de ingressantes prevista para 2009.

Os cursos de graduação em Arquivologia estão ligados a departamentos/ institutos/ faculdades de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação. Gostaríamos de destacar que a formação arquivística no Brasil segue as tradições internacionais.

O cenário da formação acadêmica brasileira tem passado por mudanças paradigmáticas, destacando-se o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, que institui novos conceitos de flexibilização curricular, conferindo ao aluno a liberdade de escolha de sua formação. Coube às Instituições de Ensino Superior reestruturar suas propostas pedagógicas e curriculares direcionadas para a “formação de graduados generalistas, versáteis, aptos a atuar em diferentes contextos” (TEIXEIRA, BARBOSA, LUBISCO e CUNHA, 2002). A partir desta orientação, o Ministério de Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE)

através de instruções oficiais, introduziram profundas alterações através das Diretrizes Nacionais dos Cursos de Arquivologia e Biblioteconomia dentre outros, instituídas no Parecer nº CNE/CES 492/2001, aprovado em 03 de abril de 2001 (MATOS; CUNHA, 2003, p.168-69).

No que concerne os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) no país, destaca-se a inserção da Arquivologia na área de Ciência da Informação. De modo geral, os nove (09) Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação reconhecidos pela CAPES, oferecem possibilidades do desdobramento de estudos em Arquivologia. Institucionalmente, apenas a Universidade de Brasília através das linhas de pesquisa “Gestão da Informação e do Conhecimento” e “Comunicação da Informação” respectivamente, integram formalmente “[...] sistemas de arquivos [...]” e “[...] modelos e processos da comunicação da informação arquivística [...]”. Rodrigues (2006, p. 35) afirma que a trajetória natural dos docentes da graduação em Arquivologia, que tem doutorado, é se credenciarem nesses Programas.

Paralelamente, identificamos no Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade de São Paulo (USP), uma linha de pesquisa dedicada a Arquivística. Outras iniciativas devem ser mencionadas como opção para os que se dedicam à reflexão de questões ligadas à Arquivologia, como por exemplo, o Mestrado em Memória Social e Documento, da Uni-Rio. Além do Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais e do Mestrado Acadêmico e Doutorado em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) / Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que tem uma linha de pesquisa em “Acervo e Informação”.

A partir da década de 80, foram realizados cursos de pós-graduação *lato sensu* (Especialização) em diversas universidades. Mas, apenas o curso ministrado pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, desde 1986 é regular, o que comprova a dificuldade das instituições de ensino superior em estabelecer os cursos de graduação, a começar pelas limitações da composição de quadros docentes.

A pesquisa em Arquivística no Brasil vem se desenvolvendo pouco a pouco. Desde 1981, a Arquivologia foi incluída pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como sub-área da área de “Ciência da Informação”, ambas integram a grande área “Ciências Sociais Aplicadas”. No entanto, observam-se dificuldades para se obter financiamento institucional que permitam incrementar a pesquisa na área em estudo. No entanto, observa-se que a Arquivologia, como disciplina do conhecimento, já começa a delinear uma “comunidade científica”. Certamente, a identificação de grupos de pesquisa congregando pesquisadores da área irá consolidar efetivamente essa comunidade.

Por outro lado, mister alertar que o desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, isto é, a revolução digital, tem impulsionado novas posições na disciplina Arquivística que certamente exigirão novos realinhamentos da formação arquivística.

Apesar da complexa dinâmica da institucionalização da formação arquivística no Brasil, é possível concluir que a formação arquivística tem se ampliado e se consolidado no espaço da universidade.

O nosso relato descritivo pretende contribuir com o desenvolvimento da formação arquivística, revelando o encadeamento histórico da criação dos cursos universitários de Arquivologia nas Américas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTINO, Mariza. Panorama dos cursos de Arquivologia no Brasil: graduação e pós-graduação. **Arquivo & Administração**, v. 15, nº 23, p. 12-18, 1994.

BRITTO, Maria Teresa Navarro de. Cartografia do ensino universitário de Arquivologia nas Américas. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila Kahl. **A formação do arquivista no Brasil**. Niteroi, EdUFF, 1999, p. 9-30.

DELSALLE, Paul. **Une histoire de l'archivistique**. Sainte-Foy, Presses de l'Université du Québec, 2000, 260p. (Collection Gestion de l'information)

DUCHEIN. Michel. Archives, archivistes, archivistiques: définitions et problématique. In: DIRECTIONS DES ARCHIVES DE FRANCE. **La pratique archivistique française**. Paris, Archives Nationales, 1993, p. 19-39.

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005, 124p.

FONSECA, Maria Odila Kahl; MONTEIRO, Norma de Góes. Uma reflexão sobre a formação do profissional de arquivos: o caso brasileiro. **ALA**, nº 1, p. 64-67, 1987.

GAGNON-ARGUIN, Louise. Les courants de pensée sur l'archivistique au Québec. In: **L'Archivistique**: son histoire, ses acteurs depuis 1960. Sainte-Foy, Presses de l'Université du Québec, 1992, 222p.

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto; CUNHA, Vanda Angélica da. Notas acerca da convergência da formação acadêmica e profissional entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. In: **Anais IV CINFORM**. Salvador, UFBA, ICI, 2003, p. 167-177.

MENNE-HARITZ, Angelika. The Marburg Archivschule, a modern service institute with a long tradition. **Insar**, nº 2, automne, 1996, p.8-9.

\_\_\_\_\_. Formation em archivistique: pour répondre aux besoins de la société du XXI siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES ARCHIVES, 12, 1992, Montreal. Texte de conférence... Montreal: [s.n.], 1992. 26p.

RODRIGUES, Georgete Medleg. A formação do arquivista contemporâneo numa perspectiva histórica: impasses e desafios atuais. **Arquivo & Administração**, v. 5, nº 2, p. 17-41, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol et al. **Les fondements de la discipline archivistique**. Sainte-Foy, Presses de l'Université du Québec, 1994, 248-276. (Collection Gestion de l'information)

TANODI, Aurelio. **The status of archivists in relation to other information professionals in the public service in Latin America**. Paris, Unesco, 1985, 59p. (PI-85/WS/13).

\_\_\_\_\_. L'enseignement de l'archivistique em Amérique Latine. **Revue de l'Unesco pour la science de l'information, la bibliothéconomie et l'archivistique**, v. 1, n° 2, p. 118-129, 1979.

\_\_\_\_\_. Unas consideraciones sobre La enseñanza archivística Latinoamericana. **Boletín Interamericano de Archivos**, v. 2, p. 7-90, 1975.

TEIXEIRA, Maria das Graças; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu; LUBISCO, Nídia Maria Lienert e CUNHA, Vanda Angélica da. Ensino de biblioteconomia por competência. **TECBAHIA** – Revista Baiana de Tecnologia. Camaçari, v. 17, n° 2, p. 57-65, maio/ago., 2002